



INTERNACIONAL

Ano I Nº 268
08 de Fevereiro de 2008

Índice

Em defesa do Trabalho Decente	01
Explosão e Greve na Acindar	02
Vitória na Ford russa	02
Siderúrgicos venezuelanos em greve	03
E a África disse não	04

Em defesa do Trabalho Decente

Nesta semana iniciou-se em Nova Iorque a 46ª sessão da Comissão das Nações Unidas para o Desenvolvimento Social. A Confederação Sindical Internacional (CSI) e a Confederação Européia de Sindicatos (CES) estão apelando aos integrantes da Comissão para que façam uma resolução enérgica para ser levada diante da Assembléia Geral das Nações Unidas confirmando a importância crucial que o trabalho decente e o pleno emprego têm na luta contra a pobreza.

Os sindicatos aplaudiram a decisão desta comissão da ONU de concentrar-se no “emprego pleno e produtivo e no trabalho decente” como sua prioridade para o biênio 2007-2008. As alarmantes tendências ao desemprego trazidas pela atual confusão no mercado mundial e pela ameaça de recessão – que foram trazidas a público no novo Informe sobre o Emprego no Mundo 2008 da Organização Internacional do Trabalho – obrigam que medidas sejam imediatamente tomadas.

Uma delegação sindical* composta por 20 pessoas encontra-se atualmente em Nova Iorque em dialogo com a Comissão da ONU argumentando que é de importância crucial que ela transmita uma mensagem contundente que identifique o trabalho decente como o objetivo central que deve ser sistematicamente integrado às políticas sociais, econômicas e de desenvolvimento no plano nacional, regional e internacional.

Ainda que o crescimento econômico nos últimos anos tenha originado novos postos de trabalho, grande parte deles são de empregos mal remunerados e de má qualidade, impedindo que muitos dos trabalhadores pobres estejam em condições de manter-se ou de manter suas famílias. Calcula-se que existam no mundo cerca de 195 milhões de trabalhadores pobres que provavelmente não terão emprego em 2008.

Existe atualmente nos sistemas financeiros e comerciais internacionais uma grave falta de coerência política que está obstruindo o progresso. Isso fica demonstrado, por exemplo, nas pouco razoáveis exigências que estão sendo impostas aos países em desenvolvimento nas negociações sobre os acessos a mercados na Organização Mundial do Comércio (OMC).

As políticas deveriam ter a aspiração de criar empregos de qualidade, proporcionar educação, enfrentar o emprego juvenil e possibilitar que as pessoas saiam de situações de emprego precário ou informal, sendo que as mulheres uma grande porcentagem das pessoas nessa situação. O trabalho decente implica também no pleno respeito à liberdade sindical e à negociação coletiva, uma lição tão mais importante para os governos quanto os sindicatos são os principais atores na luta contra a pobreza e no aumento do poder aquisitivo dos trabalhadores de baixa renda. (CSI, 06.02.2008)

Leia a [Declaração da CSI sobre o trabalho decente \(pdf\) \(espanhol\)](#)

[*A assessora da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT), Sílvia Portela, está integrando a delegação internacional de sindicalistas que está em Nova Iorque].

Explosão e Greve na Acindar

Os trabalhadores siderúrgicos da Villa Constitución fizeram greve de 24 horas em protesto.

A Unión Metalúrgica Argentina (UOM) de Villa Constitución convocou uma paralisação de 24 horas em busca de melhores condições de trabalho e de providências para melhorar a segurança no trabalho em resposta a uma explosão de um forno na siderúrgica Acindar que deixou um saldo de 8 feridos, dois deles em estado grave.

A explosão aconteceu nesta semana em um forno que estava em manutenção. Medidas da empresa podem ter causado a explosão.



O secretário geral da UOM de Villa Constitución e secretário sindical da Central dos Trabalhadores Argentinos (CTA), **Victorio Paulón**, denunciou que a mudança efetuada pela empresa no processo de produção pode ter sido a causadora da explosão do forno 4 da fábrica.

Aparentemente um defeito produzido no sistema refrigerante do forno provocou a explosão que feriu oito operários, que sofreram graves queimaduras. Eles foram internados no sanatório Rivadavia de Villa Constitución e os dois casos mais graves levados para Rosário.

A onda explosiva atingiu também outros trabalhadores que estavam nas imediações. A aciaria foi evacuada.

Os delegados sindicais da UOM Villa Constitución informaram que a Acindar diminuiu de forma unilateral o tempo de esfriamento do forno – o combinado com o sindicato foi de que esse tempo seria de 24 horas. A empresa o reduziu em 4 ou 5 horas e isto pode ter sido a causa da explosão.

Os trabalhadores resolveram, em assembléia na fábrica paralisar os trabalhos por 24 horas em repúdio a violação das normas de segurança no trabalho com o objetivo menor de aumentar a produtividade e a lucratividade na fábrica.

Os dirigentes sindicais garantiram que os trabalhadores que trabalham nos fornos não voltarão ao trabalho até que a empresa volte a respeitar o acordado com o sindicato e estabeleça o período de 24 horas para o resfriamento.

Paulón disse que a explosão deixou claro “a presença de empresas contratistas que terceirizam os serviços e precarizam os trabalhadores na Acindar. Chegou o momento do Ministério do Trabalho colocar um ponto final na terceirização dos serviços que serve apenas para baixar os custos da força de trabalho nas grandes empresas”, ele disse ao periódico ACTA CTA. (ACTA CTA, 06.02.2008)

Vitória na Ford russa

Os trabalhadores da única fábrica da Ford na Rússia aprovaram a proposta salarial da empresa e concordaram em não voltar à greve no futuro imediato.

Os trabalhadores da fábrica da Ford nas imediações de São Petersburgo fizeram greve durante quatro semanas em novembro e dezembro do ano passado reivindicando que seu salário mensal de 19 mil rublos fosse aumentado para 28 mil rublos.

A greve dobrou a intransigência da administração da fábrica que na semana passada propôs um aumento de 16 a 21 % nos salários mensais, o que resultaria num salário médio mensal de 25.586 rublos.

“A maioria dos trabalhadores votou a favor do acordo e não haverá mais greves”, o líder sindical Alexei Etmanov disse à Reuters. A Ford produziu 75 mil modelos Focus na fábrica e pretende investir mais 100 milhões de dólares para aumentar a capacidade produtiva para 125 mil unidades e começar a produzir o Mondeo. (Reuters, 04.02.2008)

Siderúrgicos venezuelanos em greve na Sidor

Cerca de 10 mil trabalhadores da maior siderúrgica venezuelana, a Sidor, fizeram greve de 48 horas depois que fracassou a discussão de um contrato coletivo que já vinha sendo negociado há quase um ano. A Sidor – Siderúrgica Del Orinoco - é controlada pela empresa argentina Ternium.



O presidente do Sindicato Unido dos Trabalhadores na Indústria Siderúrgica (SUTISS), José Rodríguez, responsabilizou a intransigência da empresa pelo fracasso nas negociações. Segundo ele, o sindicato pretendia assinar um acordo “sério, decente e respeitável”. E continuou: “apesar da intermediação do Ministério do Trabalho, a companhia manteve-se numa posição intransigente”.

Apesar dos trabalhadores terem diminuído a sua reivindicação de aumento no salário diário de 80 bolívares para 70 nas últimas negociações, a administração da empresa disse que o aumento era totalmente inviável e ofereceu um aumento de apenas 22 bolívares. O sindicato demandava também o pagamento de cerca de 50 mil bolívares por cada empregado para um fundo de aposentadoria, uma reivindicação com que a empresa havia concordado em 1998 e que nunca pagou.

O vice-ministro do Trabalho, Rafael Chacón, que estava mediando a disputa desde meados de janeiro, propôs um aumento diário de 45 bolívares e uma contribuição de 20 mil bolívares para o fundo de aposentadoria por cada empregado. Depois de 9 horas de discussão a direção da empresa suspendeu as negociações sem qualquer avanço.

Nerio Fuentes, secretário geral do SUTISS, que dirigiu os trabalhadores numa greve de 24 horas na semana anterior disse que o sindicato está discutindo a possibilidade de fazer uma greve por tempo indeterminado se a empresa se recusar a atender aos trabalhadores. “Se não houver uma solução nós vamos continuar paralisados”, ele disse. Fuentes esclareceu que a mediação do Ministério do Trabalho foi a que os trabalhadores esperavam, porque houve o respeito à autonomia sindical e nenhuma interferência nas ações decididas pelos operários.

A greve envolve 5.400 trabalhadores permanentes e cerca de 9.000 trabalhadores contratados por cerca de 350 pequenas e médias empresas que prestam serviço à empresa. Omar Martínez, presidente da associação dessas empresas, disse que elas estão perdendo aproximadamente 3 milhões de dólares por dia com a greve. A direção da Sidor calcula em cerca de 7 milhões de dólares a sua perda diária com a greve.

A Sidor, que produz tubos de aço e arame, é a maior siderúrgica da região andina e a quarta maior siderúrgica na América Latina. Localizada no Estado de Bolívar, a empresa foi privatizada em 1997. A argentina Techint controla 60% das ações. Desde a privatização a empresa reduziu força de trabalho de 18 mil trabalhadores para os atuais 5.400 e aumentou os trabalhadores subcontratados de 3 mil para os 9 mil atuais.

No ano passado, no quadro da campanha do presidente Chávez de “renacionalizar tudo o que foi privatizado”, os trabalhadores da Sidor chegaram a reivindicar a nacionalização da empresa e sua entrega ao controle dos operários. *(VenezuelaAnalysys, 02.02.2008)*

E a África disse não

Surpresa: numa conferência em Lisboa, o continente excluído rechaça os acordos de "livre" comércio oferecidos pela Europa. Atitude pode sinalizar nova postura africana, que repele "ajustes estruturais" e políticas da humilhação perpétua.

Ignacio Ramonet

Para grande prejuízo da arrogante Europa, o inimaginável aconteceu: num arroubo de orgulho e revolta, a África - que alguns acreditavam submetida, porque empobrecida, disse não. Não à camisa-de-força dos "Acordos de Parceria Economia" (APE). Não ao liberalismo selvagem das trocas comerciais. Não a esses últimos elementos do pacto colonial.

Ocorreu em Lisboa, em dezembro último, durante a 2ª Conferência de Cúpula União Européia-África, o objetivo principal era forçar os países africanos a assinar novos tratados comerciais (os famosos APE) antes de 31 de dezembro de 2007, em aplicação da Convenção de Cotonu (junho de 2000), que prevê o fim dos acordos de Lomé (1975). Segundo estes, as mercadorias provenientes das ex-colônias da África (e do Caribe e do Pacífico) entram na União Européia quase sem impostos alfandegários - com exceção de produtos sensíveis para os produtores europeus, como açúcar, carne e banana. A Organização Mundial do Comércio (OMC) exigiu o desmantelamento dessas relações preferenciais, ou então sua substituição - único meio, segundo a OMC, de preservar a diferença de tratamento em favor dos países africanos - por acordos comerciais fundados na reciprocidade. Foi essa segunda opção que a União Européia preferiu: o livre-câmbio integral camuflado sob a denominação "Acordos de Parceria Econômica".

Em outras palavras, o que os 27 países da União Européia exigem dos países da África (e dos do Caribe e do Pacífico) é que aceitem deixar entrar em seus mercados as exportações (mercadorias e serviços) da União Européia, sem taxas alfandegárias.

O presidente do Senegal, Abdulaye Wade, denunciou a coerção e se recusou a assinar. Saiu batendo a porta. O presidente da África do Sul, Thabo M'Beki, o apoiou de imediato. No rebuliço, a Namíbia também tomou a corajosa decisão de não assinar nada, uma vez que um aumento das taxas alfandegárias da União Européia sobre sua carne bovina marcaria o fim de suas exportações.

Até mesmo o presidente francês Nicolas Sarkozy, que pronunciara palavras muito infelizes em Dacar em julho de 2007, trouxe seu apoio aos países mais refratários a esses acordos leoninos: "Sou a favor da globalização, a favor da liberdade", declarou, "mas não sou a favor da espoliação de países que, aliás, já não têm nada".

Ampla onda de inquietação popular estimula governos a resistir

Essa revolta contra os APE - que suscitam, ao sul do Saara, uma imensa onda de inquietação popular e uma intensa mobilização dos movimentos sociais e das organizações sindicais - deu certo. A Conferência de Lisboa terminou com uma constatação de fracasso. José Manuel Durão Barroso, presidente da Comissão Européia, foi obrigado a ceder e a aceitar a reivindicação dos países africanos de prosseguir o debate. Ele se comprometeu a retomar as negociações em fevereiro de 2008.

Essa importante vitória da África é um sinal suplementar do momento favorável que o continente atravessa. Nos últimos anos, os conflitos mais sanguinários terminaram (só permanecem Darfur, a Somália e o leste do Congo) e os avanços democráticos se consolidaram. As economias continuam a prosperar e são pilotadas - apesar das desigualdades sociais permanentes - por uma nova geração de jovens dirigentes.

Enfim, mais um trunfo: a presença da China, que está a ponto de suplantar a União Européia na condição de maior investidor do continente africano; e que poderá se tornar, já em 2010, seu primeiro cliente, na frente dos Estados Unidos. Já vai longe o tempo em que a Europa podia impor desastrosos programas de ajuste estrutural. A África agora os repele. E isso é muito bom. (*Le Monde Diplomatique Brasil, janeiro de 2008*)